

Artigo

CARLOS ALBERTO DOS SANTOS, professor (cas.ufrgs@gmail.com)

Olhem a base do iceberg

JH, 27/6/2013

Sempre que acontecem eventos como esse das recentes passeatas, logo se diz que o fenômeno é apenas a ponta do iceberg. Não importa o causador do evento, este é sempre a ponta de um iceberg. E o correspondente da virose em alguns diagnósticos médicos imprecisos. Entre outras coisas, alega-se que esse mais recente iceberg está cheio de mazelas dos políticos e que o PT igualou-se aos partidos que combatia, chafurdando ao lado de todos no mar de corrupção. É tudo farinha do mesmo saco, ecoam gritos da direita. Será que os autores dessas afirmativas já param para examinar a base do iceberg que produz esses políticos corruptos? E se fossem eles responsáveis pela administração do país ficariam imunes ao assédio desses políticos corruptos, com a estrutura de poder vigente?

Quero discutir isso, mas não posso continuar sem lembrar Tom e Chico cantando

"Também vi a cidade incendiada, eu tive medo / Eu vi a escuridão", e Jabor lembrando "Meninos, vocês viram também, mas acho que esqueceram". Não esqueço a dor quando vi a Marcha da Família com Deus pela Liberdade, naquele março de 1964, e a alegria com a Passeata dos cem mil em 1968. Depois da primeira veio o golpe militar, e a alegria da segunda transformou-se em tristeza

com o AI-5. Só inocente crê que esse pesadelo está descartado. Espero que acordemos antes do suor frio.

Os políticos são corruptos? Muitos são, mas de onde eles vêm? Eles saem aqui do meu lado, do seu lado, caro leitor. Pare um pouco e reflita. Pense nos seus familiares e amigos íntimos. Quantos não subornaram materialmente, ou com argumentação, um guarda de trânsito para livrar-se de uma multa, uma professora para alterar a nota ruim do filho. Algumas empresas estão contratando pessoas idosas só para escapar das longas filas nos bancos. Veja o noticiário. Todo dia tem uma falcatrua de um profissional liberal, eventualmente com a colaboração de funcionário público. Nossos políticos saem desse meio, de gente que rotineiramente pratica "pequenos atos de corrupção". E por que eles deixariam de ser corruptos quando eleitos para um cargo político?

Corromper um guarda de trânsito só é diferente do estabelecimento de uma estratégia para a compra de votos no parlamento pelo tamanho da repercussão. No plano ético-moral são dois procedimentos igualmente perversos. E a prática rotineira e socialmente admitido do primeiro, leva ao segundo.

Aqui e ali vemos alguém timidamente chamar a atenção para a conexão entre "pequenas" corrupções, para as quais fe-

chamos os olhos, e a prática política à qual atribuímos todos os males da sociedade. Acompanhei boa parte do noticiário sobre os recentes protestos populares. Li todas as grandes revistas de circulação nacional e muitos dos colunistas e articulistas de **O Jornal de Hoje**. Apenas Joaquim Pinheiro, substituindo Walter Gomes em sua coluna de 24/6 foi explícito: "Virou moda no Brasil responsabilizar políticos por tudo de ruim que acontece. Os maus estão em todos os segmentos da sociedade, inclusive na justiça, na religião, no profissional liberal, nos trabalhadores e no empresariado. É uma injustiça particularizar e generalizar".

Estamos vendo o Congresso Nacional reagir aos protestos populares. A PEC 37 foi derrotada na Câmara dos Deputados, e o Senado aprovou projeto que inclui a corrupção ativa e passiva no rol de crimes hediondos. Mas, isso me parece fogo de palha. Tudo voltará, se não tivermos um movimento de autocritica em prol da modificação do nosso padrão ético e moral, que vejo viável a longo prazo apenas pela via da educação. Creio que encaminhar, nos ambientes escolares, uma profunda reflexão a respeito do famigerado jeitinho brasileiro já nos proporcionará muitos políticos de quem nos orgulharemos e em quem votaremos de olhos fechados.